

nara roesler

sheila hicks



sheila hicks

n. Hastings, EUA, 1934. Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente. Além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coréia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – “uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída”, brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar – ou construir – experiências memoráveis, perenes a auráticas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

Reencuentro, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
Sheila Hicks: Lignes de Vie, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity, The High Line, Nova York, EUA (2017)
Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017, Museo Amparo, Puebla, México (2017)
Sheila Hicks: Material Voices, Joslyn Art Museum, Omaha, EUA (2016)
Sheila Hicks: Farandoulo, Espace Muraille, Geneva, Suíça (2016)
Sheila Hicks: Apprentissages, The Paris Autumn Festival, in collaboration with the Musée Carnavalet, Paris, França; and with Nanterre-Amandiers, Centre dramatique National, Nanterre, França (2016)
Sheila Hicks: Foray into Chromatic Zones, Hayward Gallery, Londres, Reino Unido (2015)

exposições coletivas selecionadas

Surrounds – 11 installations, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
Weaving Beyond the Bauhaus, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)
Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)
Beyond Craft, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
Voyage d’Hiver, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017)
20th Biennial of Sydney, Sydney, Australia (2016)
77th Whitney Biennial, Nova York, EUA (2014)
30th Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil (2012)
Douze Ans d’Art Contemporain en France, Grand Palais, Paris, França (1972)
Wall Hangings, The Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (1969)

coleções selecionadas

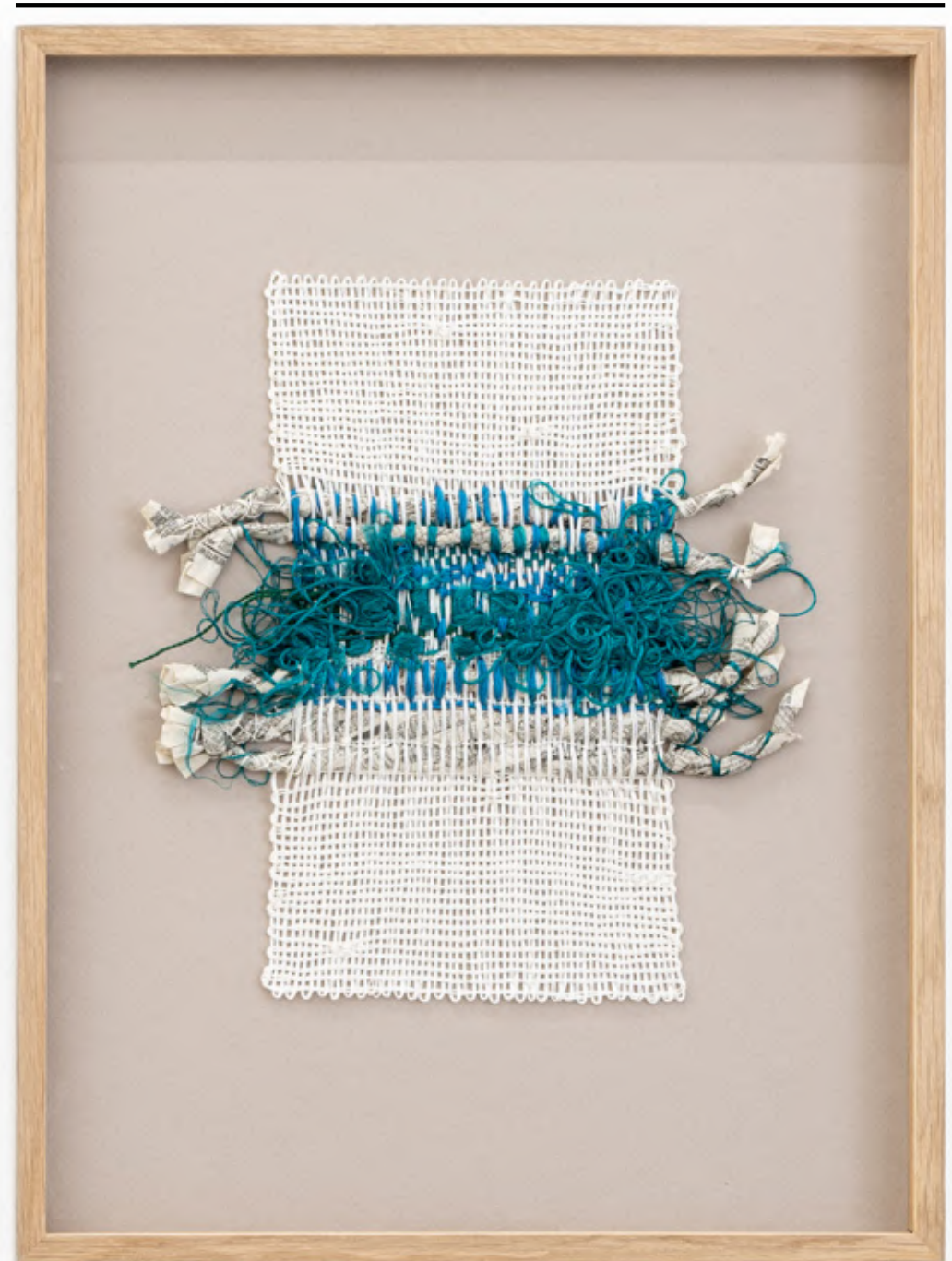
Centre Georges Pompidou, Paris, França
National Museum of Art (formerly, The Museum of Decorative Arts and Design), Oslo, Noruega
Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
Tate, Londres, Reino Unido

4	minimes
12	prayer rugs
19	tapisserie d'aubusson
21	hieroglyphs
28	menhirs
31	boules e investigações cromáticas
48	espaços abertos
52	trabalhos comissionados

minimes

Os trabalhos experimentais mais característicos da produção de Sheila Hicks são aqueles que integram a série *Minimes*, diminuto laboratório de invenção e composição. Como um desenhista que carrega junto de si um caderno, Hicks carrega seu tear portátil, com o qual produz esses trabalhos pequenos desde o início de sua trajetória. Como o próprio nome sugere, *Minimes* é caracterizada por sua escala reduzida. Sua investigação a respeito de fibra têxteis busca fontes em várias nacionalidades e etnias, preservando a natureza experimental do trabalho artesanal em seu cerne. De modo mais específico, *Minimes* deriva de técnicas pré-colombianas andinas que Hicks investiga desde seus anos como estudante em Yale sob orientação do arqueólogo Junius Beard e o historiador da arte George Kubler. Em sua tese nessa Universidade, Hicks escreveu sobre os têxteis pré-incaicos, baseando-se na pesquisa de Raoul D'Harcourt, no Musée de l'Homme, em Paris. Suas miniaturas não são consideradas projetos para trabalhos futuros em escala ampliadas, mas elaborações autônomas dotadas de potência estética única.

Expand or Disappear, 2014
linho, seda e papel de jornal
24 x 22 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler







A série *Minimes* varia desde trabalhos tradicionais de tecelagem até peças que incorporam diversos elementos domésticos e objetos encontrados. Como afirma a própria artista, a importância dessa produção não deve ser considerada exagerada: “Eu encontrei minha voz e meu alicerce nos meus trabalhos pequenos. Eles permitiram que eu construísse pontes entre arte, design, arquitetura e arte decorativas”.

Em 2006, o Bard Graduate Center for Studies in the Decorative Arts, Design and Culture dedicou uma exposição individual às miniaturas de Hicks. Intitulada *Weaving as Metaphor* [Tecelagem enquanto metáfora], a mostra era acompanhada por uma publicação desenvolvida em colaboração com a designer Irma Boom, que foi contemplada com o prêmio “Most beautiful book of the world” na Feira do Livro de Leipzig, na Alemanha, em 2007.

Adrift + Confident, 2018
seda
24,5 x 13 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler

→
Small Chance, 2016
algodão e linho
23,5 x 15 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler





Tecendo com mulheres locais
no México, anos 1960
foto © Faith Stern
publicado em Lifelines
/ Michel Gauthier (ed.)
Paris: Centre Pompidou, 2018, p. 126

→
Asian Sobriety, 2016
algodão, seda
23 x 14 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler







Considering Asia, 2016
monofilamento e seda
24,5 x 14 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler

prayer rugs

Essa série é bastante representativa da prática de Hicks por envolver tanto processos tradicionais de diferentes regiões quanto elementos culturais vernaculares, de modo a questionar noções de espaço, vestimentas e abrigo ao mesmo em que se engaja com uma dimensão espiritual desses artefatos.

“Quando descobri, no Marrocos, os tapetes para oração e a arquitetura do país, com seus arcos, tornei-me fascinada pela ideia do sentimento de ascensão, ascensão por meio dessa forma arqueada. Tratava-se de um tipo de sentido religioso para mim que era muito abrangente. Ele poderia servir, eu pensava, para pessoas de todas as crenças religiosas que buscavam uma forma de comunicar-se com algo mais importante do que eles próprios, maior, mais poderoso e belo”.



Prayer Rug, anos 1970

lã

155 x 205 x 12 cm

cortesia Sheila Hicks

e Galeria Nara Roesler







Tapis Mural

Galerie National de Bab Rouah

Rabat, 1971

disponível em: <https://www.demischdanant.com/exhibitions/design-miami-basel-15/about-the-exhibition?view=slider>



No Islamismo, os tapetes para oração [*prayer rugs*] são elementos de uso individual que integram os rituais da religião. É sobre eles que os fiéis realizam suas preces diárias, posicionando-os em direção à cidade sagrada de Meca. Os tapetes servem para garantir a limpeza durante as preces que se seguem ao processo de wudu (ablução), uma vez que os fiéis se prostram e se sentam sobre o chão. Esses objetos podem conter ricos elementos decorativos, figurativos, geométricos ou em forma de arabescos. Por sua vez, o desenho dos tapetes de oração é baseado na vila de que ele provém e do artesão que o fez.

Sheila Hicks iniciou essa série em 1965, durante sua estadia na Alemanha. Por recomendação da ilustre curadora de artes têxteis e decorativas do MoMA, Mildred Constanti, a CBS encomendou uma obra da artista para decorar a entrada de sua sede em Nova York, projetada por Eero Saarinen & Kevin Roche. Nos anos que se seguiram, ela se envolveu mais profundamente com essa linguagem, chegando a receber um convite do governo marroquino para desenvolver trabalhos nas oficinas do país. Durante sua estadia no Marrocos, a artista desenvolveu um conjunto de trabalhos de parede que foram exibidos no tradicional edifício Bab Rouah Museum. Ela seguiu investigando a apresentação vertical dos seus *Prayer Rugs*, anulando a noção do tapete enquanto produto têxtil sobre o qual se pode pisar, ao mesmo tempo que destacava o volume natural das fibras de lã. Sobre esses trabalhos, Sheila Hicks afirma: “Eu fiquei absorta na história do que constitui uma tapeçaria, o que não é tapeçaria, o que é a nova tapeçaria, o que é a tapeçaria que se projeta no espaço”.

Prayer Rug, anos 1970
lã, algodão
188 x 50,8 x 35,6 cm
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler





tapisserie d'aubusson

Em 1983, Hicks recebeu uma encomenda para criar uma série de trabalhos monumentais para vários prédios da Universidade King Saud, em Riyadh, na Arábia Saudita. Ela decidiu produzi-las em Aubusson, na França, de acordo com técnicas tradicionais de tapeçaria daquela região que datam da Idade Média. Diferentemente de outros trabalhos, em que a cor e a textura do material possuem presença predominante, nessa série, a imagem formada – retirada do vocabulário ornamental islâmico e relacionadas à astrologia e à astronomia – é aquilo que primeiro salta aos olhos.

Untitled, 1985
tecido têxtil
277 x 270 x 8 cm
cortesia Sheila Hicks
e Demisch and Danant

→
Grand Kaleidoscope, 1988
linho e algodão cozido
160 x 250 cm
cortesia Sheila Hicks
e Demisch and Danant

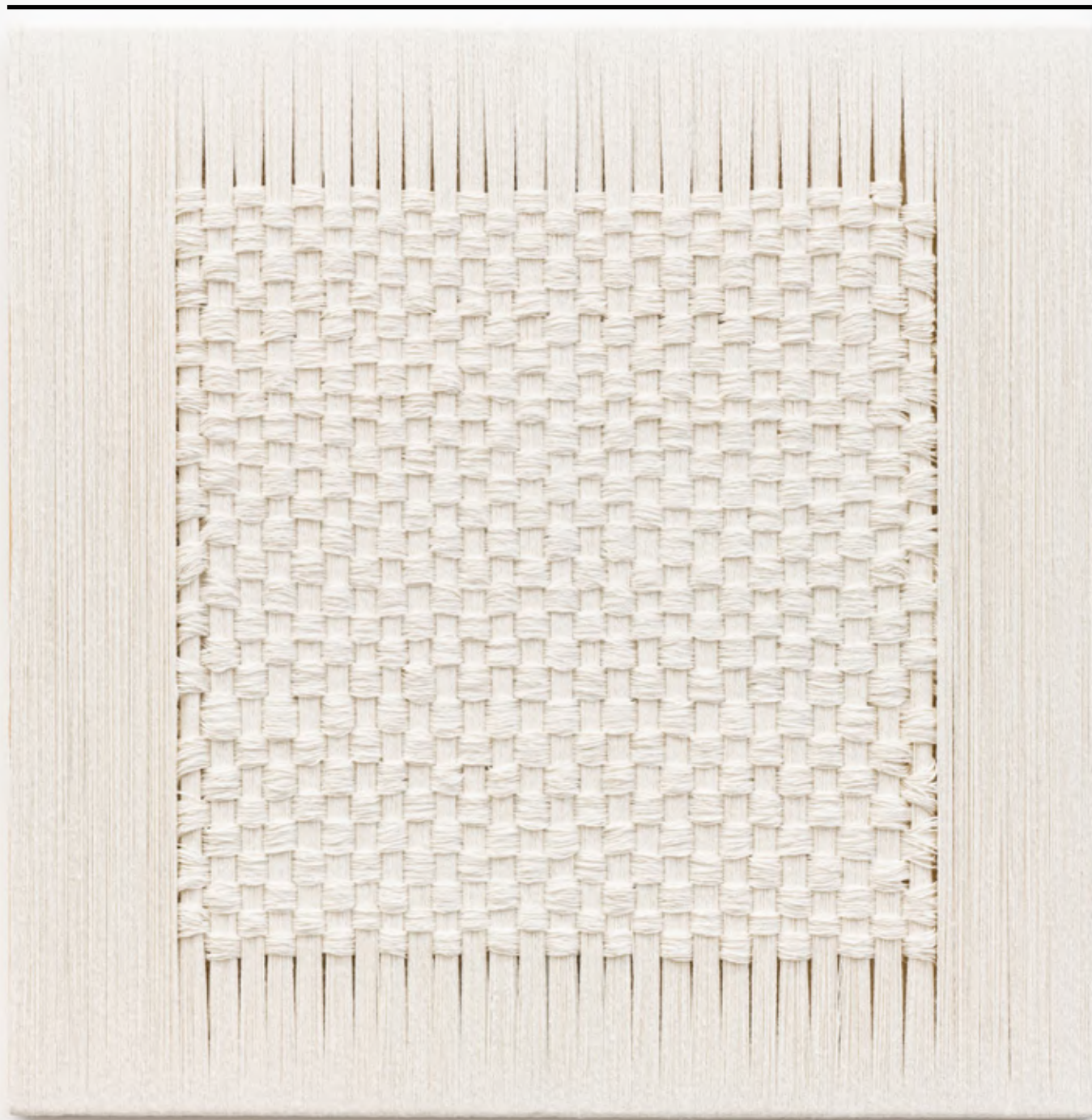




hieroglyphs

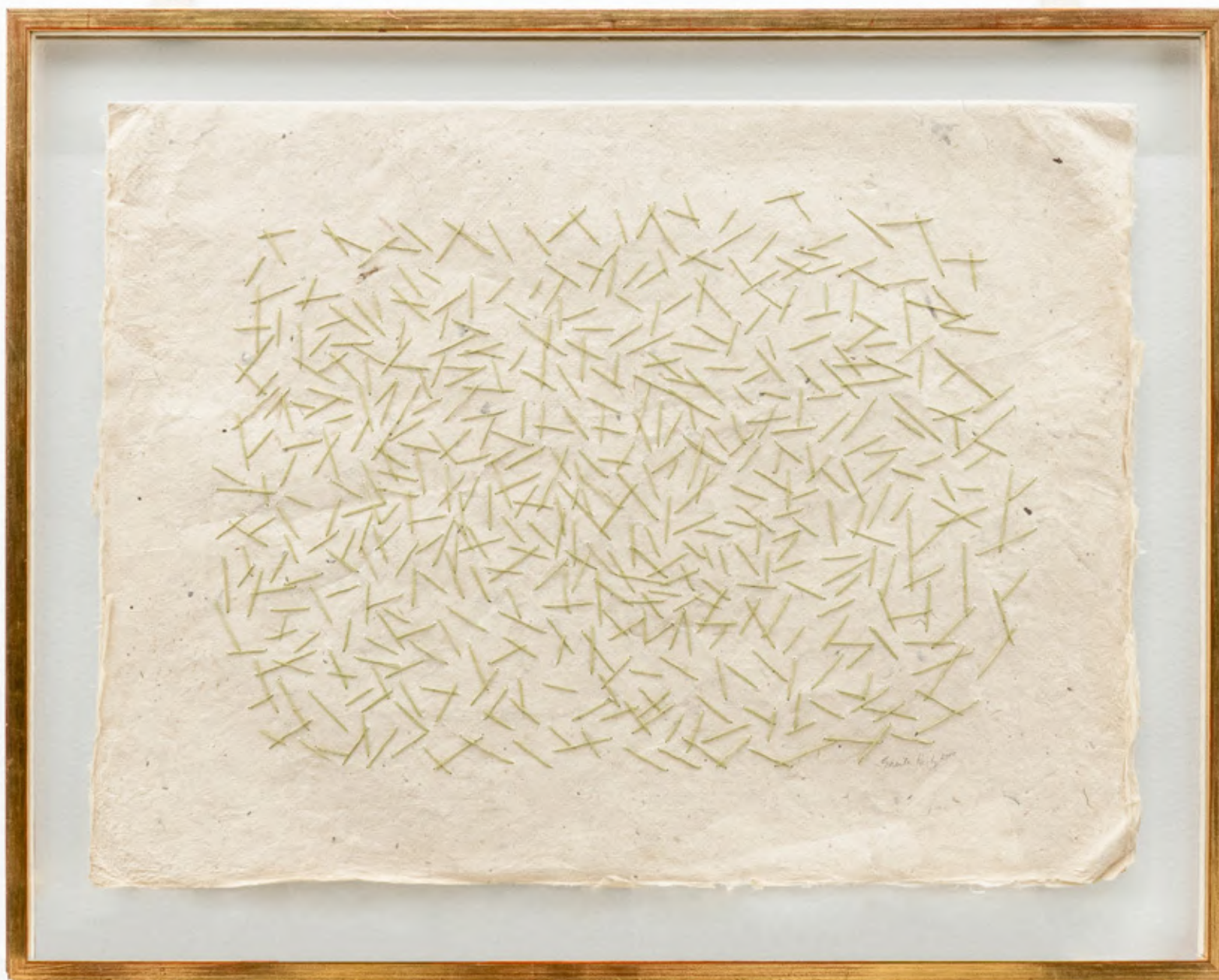
A série *Hieroglyphs* consiste em um conjunto de trabalhos monocromáticos que se iniciaram muito cedo em sua trajetória, por volta de 1956, com a criação de *Slow Scribble*, uma investigação que se tornou exemplar dessa prática. Hicks mistura propositalmente os eixos trama, criando superfícies e estruturas que remetem à escrita. O nome desse conjunto de têxteis faz referência à técnica de escrita primeva, como a do antigo Egito, em que códigos gráficos são gravados nas paredes. Assim como em várias técnicas de civilizações tradicionais, o trabalho da artista cria pequenos padrões que, construídos em relevo sobre uma superfície, adquirem uma presença escritural. Na década seguinte, ela aprofunda e desdobra essa pesquisa desenvolvendo diferentes padrões de textura sobre um mesmo plano.

Hieroglyph, bas relief, 2019
linho, lã e suporte de madeira
100 x 100 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler



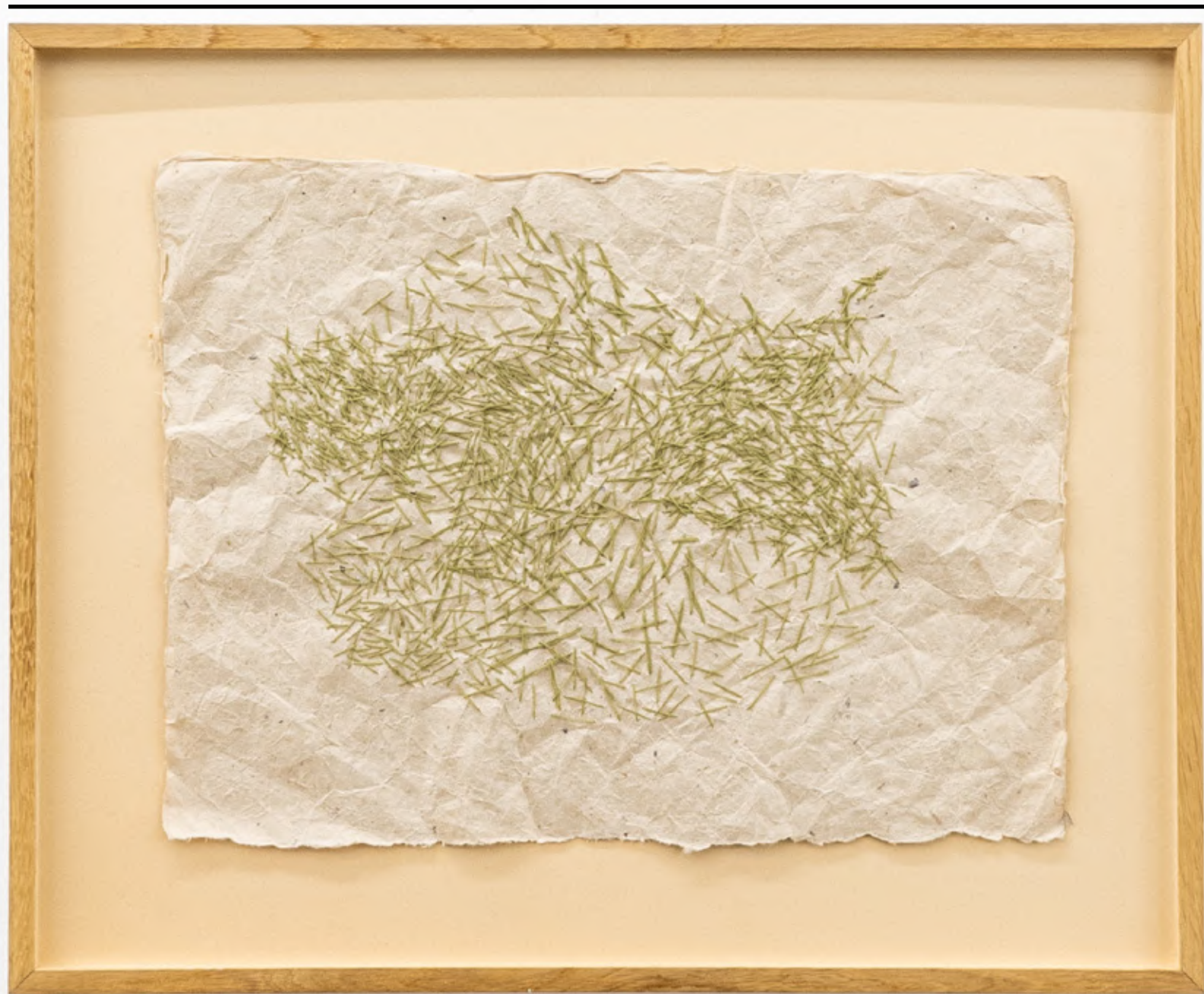






Threads Drawing, 2000
papel e linho
37,5 x 50,2 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler





Threads Drawing, 2000
papel e linho
37,5 x 50,2 cm
cortesia Sheila Hicks
e Galeria Nara Roesler



menhirs

O menir é um tipo de monumento pré-histórico, feito em pedra, que possui o formato alongado, como se fosse uma coluna que se erige diretamente do solo. Esses objetos podem ser encontrados em diversas partes do mundo e em especial na Ilha de Páscoa (Chile), Reino Unido, Portugal e França. Ainda que o significado preciso dessas construções não seja conhecido – sendo geralmente atribuído a observações astronômicas primitivas –, Sheila Hicks se baseia nelas para criar trabalhos nos quais investiga a verticalidade e intervenções vetoriais no espaço. Muitas de suas proposições possuem caráter instalativo: fixadas no teto do espaço expositivo, elas se espalham até o chão, conectando ambos.

“Minha maior fascinação”, Hicks enuncia, “tem sido a infinita e flexível natureza da fibra. Fiquei viciada nesse material muito cedo, mas nunca segui suas regras”. As belas quedas d’água que cria com os fios são como urdiduras alheias à trama. Suas longas tranças, ritmicamente enroladas em maços, dividem-se invariavelmente ao final. Por toda parte em seu trabalho, os vetores vertical e horizontal, característicos da tecelagem, saem de curso, resultando em uma “geometria astuta e até mesmo rebelde”, como nota Frédéric Bonnet, curador da exposição Campo Aberto [*Open Field*], no catálogo da mostra. Em outras palavras, é lá que ela se encontra, na junção entre “fibra” e “não fibra”. Essa série também inclui trabalhos menores feitos com milhares de metros de fios e que podem ser exibidos em pedestais. O material empregado, com suas cores e texturas, contrasta com a materialidade das construções milenares a que fazem referência.

Menhir, 1998/2004
cortesia: The Bass, Miami Beach
foto © Zachary Balber







Em 2014, por ocasião da Whitney Biennial, em Nova York, Sheila Hicks apresentou o projeto *Pillar of Inquiry/Supple Column* (2013–2014), uma coluna monumental de fibras em cores vividas que descia em forma espiralada pelo teto do prédio projetado por Marcel Breuer, um trabalho que remontava, em sua relação com a Bauhaus, ao início da carreira da artista.

Sheila Hicks desenvolveu uma série de trabalhos baseados no volume e peso de massas de material têxtil que faz parte do seu esforço contínuo em pensar a cor enquanto material. Em *The Open Rule*, Michel Gauthier escreve: “Isso resume a manifestação da paixão de Sheila Hicks pelas cores. *Pillar of Inquiry/Supple Column*, *Atterrissage*, *Banisteriopsis* ou sua suntuosa variante azul, *Banisteriopsis–Dark Ink* (1968–1994), parecem, portanto, oximoros esculturais, a colisão entre o fenômeno puramente óptico da cor e a hipertatilidade da fibra. Em outras palavras, esses trabalhos nos fazem querer tocar a cor. O elevado amontoado de fibras amarelas conhecido como *La Sentinelle* de safran joga com essa confusão entre o óptico e o háptico para consumir seu efeito”.

vista da instalação
Pillar of Inquiry/Supple Column, 2013/2014
Whitney Museum of American Art | Nova York, 2014
cortesia Whitney Museum of American Art

boules e investigações cromáticas

Boules é um conjunto de trabalhos de Sheila Hicks que possuem formato arredondado e são confeccionados com tecidos e fios de diversos materiais, incluindo fibras sintéticas manualmente tingidas e então moldadas a partir do acréscimo de algodão, linho, nylon e seda, entre outros. Muitas vezes, Hicks envolve objetos pessoais dentro dessas estruturas, em um gesto pós-duchampiano de configuração de segredos e esconderijos imperceptíveis. Boules tornou-se um artifício para a realização de ações de acúmulo expressivo de rigorosa serialidade e, principalmente, para a criação de coloridas, monumentais e lúdicas instalações e esculturas site-specific. As composições com esses elementos possuem infinitas possibilidades combinatórias capazes de ocupar toda uma parede. Um exemplo desse tipo de proposição encontra-se exposta permanentemente no Musée National d'Art Moderne, em Paris.

Em 2015, Sheila Hicks tornou-se a primeira artista a mostrar seu trabalho no pavilhão Waterloo Sunset, da Hayward Gallery, em Londres, Reino Unido, projetado por Dan Graham. A artista ocupou o espaço com trabalhos feitos a partir da série Boules, criando esculturas site-specific que respondiam à arquitetura ao seu redor, ativando-a. Ao produzir peças circulares, macias e maleáveis, Hicks oferecia um contraponto aos materiais rígidos das estruturas metálicas que constituem o espaço. Os coloridos e vívidos emaranhados de fibras pigmentadas da artista ficavam visíveis através das paredes curvas e transparentes do pavilhão, de modo a estabelecer uma interação com a circulação de carros na Waterloo Bridge.



Witnesses, grand boules, 2016/2018
linho, algodão, lã e fibras sintéticas
20 peças de 24 a 30 cm
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler





Hicks também apresentou suas Boules na 57ª Bienal de Veneza. Ao falar desse trabalho, a artista comenta: “Estou sempre pensando, olhando, vendo, observando cores e ambientes coloridos onde quer que eu vá, e me dirijo para os que têm poder, que seduzem, que possuem um tipo de aura especial, ao mesmo tempo que evito as combinações de cores que considero desagradáveis [...] No Arsenale [espaço da Bienal naquele ano], com suas paredes de tijolos, foi a arquitetura que me levou a pensar em textura, além da impressão de sonoridade que a cor é capaz de conferir em termos emocionais. Essa instalação é sobre uma quantidade descomunal de cor e como isso afeta o seu entorno. O espaço se torna um ambiente escultural, como um baixo-relevo em um entalhe ainda mais profundo, no qual você pode andar e se perder”.

vista da instalação
Arsenale | 57th Venice Biennale
Escalade Beyond Chromatic Lands, 2016/2017
fibras naturais e sintéticas, tecido, ardósia, bambu
6 x 16 x 4 m
foto © Cristóbal Zañartu



vista da instalação
Arsenale | 57th Venice Biennale
Escalade Beyond Chromatic Lands, 2016/2017
meio misto, fibras naturais e sintéticas,
tecido, ardósia, bambu
6 x 16 x 4 m
foto © Cristóbal Zañartu



Córdoba, 1968/2011
foto © Centre Pompidou, 2017/Adgp, Paris, 2018



vista da exposição
Sheila Hicks: Seize, Weave Space
The Nasher Sculpture Center | Texas, 2019
cortesia The Nasher Sculpture Center

→
vista da exposição
Sheila Hicks: Foray into Chromatic Zones
Hayward Gallery | London, 2015
foto © Michael Brzezinski





vista da instalação *Baoli*
Palais de Tokyo | Paris, 2015
foto © Cristóbal Zañartu

→
vista da instalação *Baoli*
Palais de Tokyo | Paris, 2015
foto © Cristóbal Zañartu





Sheila Hicks na Yale University, 1958
foto © Ernest Boyer



Talking Sticks, 2017/2018
bambu, fibras de algodão e sintéticas
20 peças de 65 a 150 cm
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler

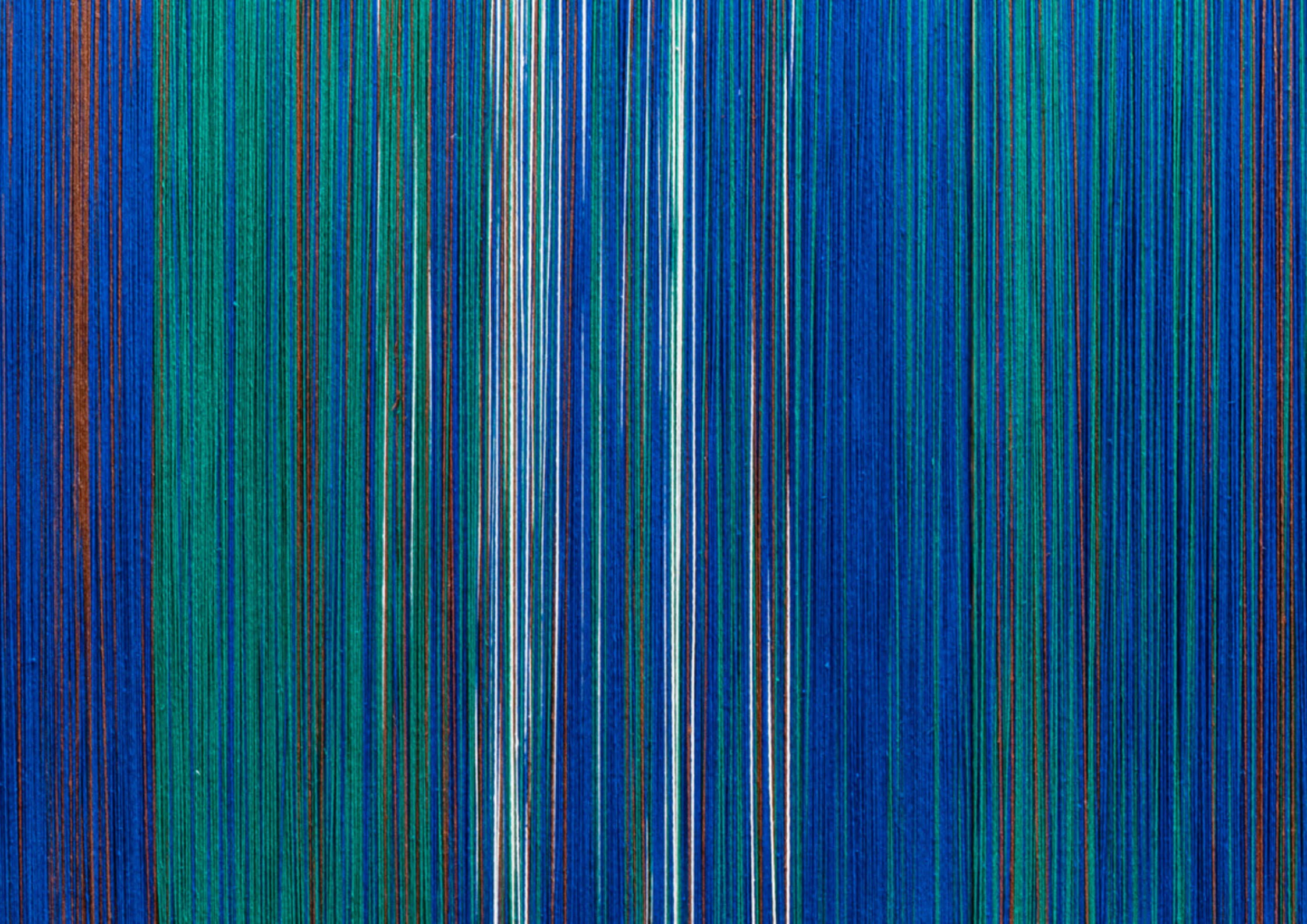




Cordes Sauvages, 2016
algodão, lã, linho, seda e fibras sintéticas
10 peças de dimensões variáveis
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler

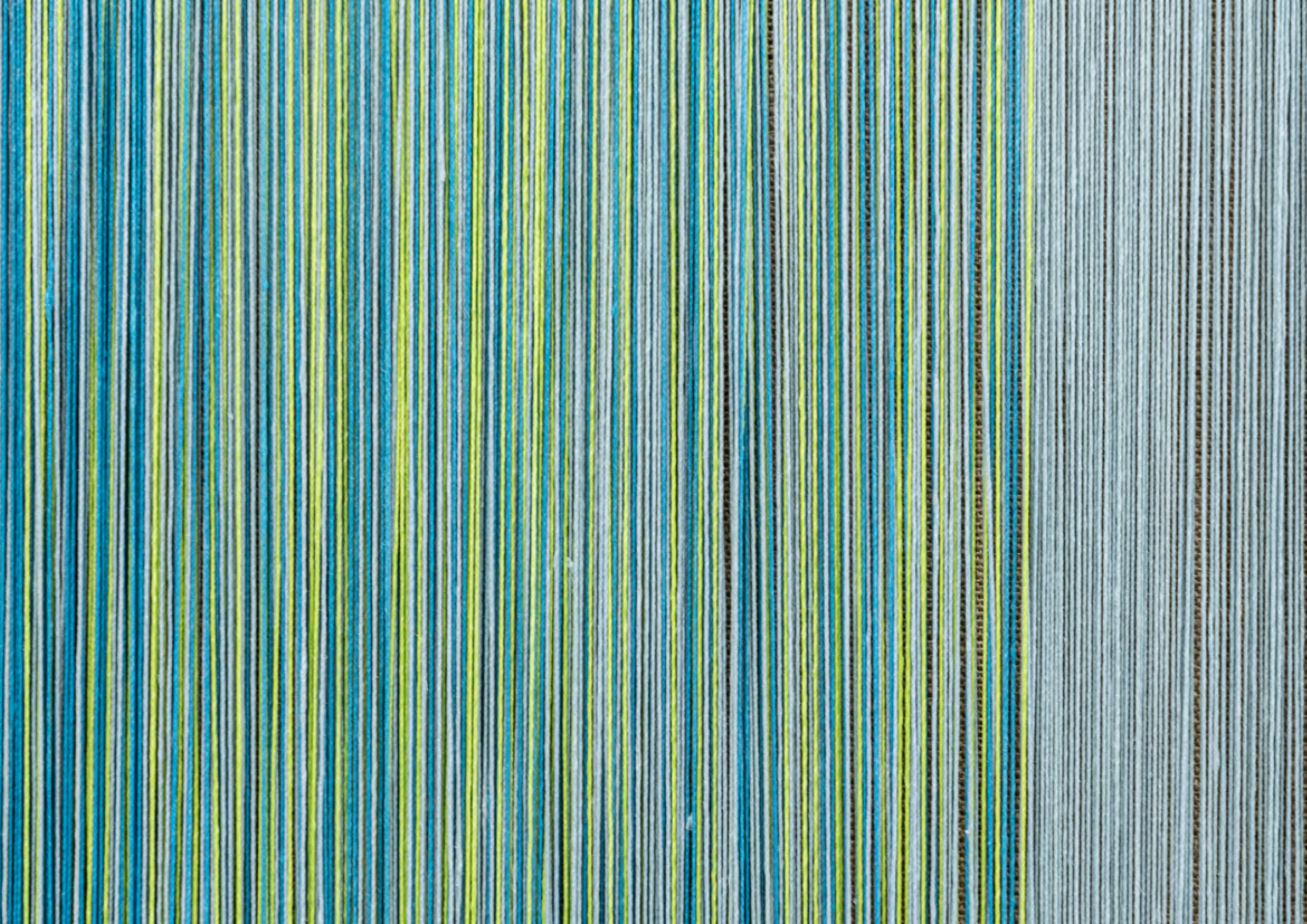
→
Point of Departure, 2018
linho e suporte de madeira
2 peças de 100 x 100 x 3,5 cm
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler







Ida y vuelta, 2019
madeira, linho, seda e fibra sintética
39,4 x 38,1 x 2,5 cm
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler



espaços abertos

Sheila Hicks aborda a grande variedade de possibilidades de espaços abertos em seu trabalho, bem como a construção de instalações *site specific* ao ar livre. Sendo, desde os anos 1950, uma artista viajante incansável, Hicks estabeleceu uma familiaridade com espaços expandidos e ao ar livre desde o início de sua trajetória, entendendo o significado da arte e de seus símbolos como parte de um amplo contexto e de ambientes abertos. Como uma testemunha aguçada das técnicas e tradições vernáculas globais, o conhecimento de Hicks com a arte no campo aberto – bem como no campo expandido – é estruturalmente consubstancial à sua poética atraente e aventureira. Suas intervenções em inúmeros espaços públicos e locais ao ar livre são, portanto, logicamente proporcionais à ambição que a levou a expandir o legado do modernismo. Como Luis Pérez-Oramas afirmou recentemente: “Sheila Hicks intensificou e ampliou as formas elementares da abstração moderna em um nível sem precedentes: a geometria composicional, os planos cromáticos, o monocromo, a composição que transcende hierarquias significantes entre figura e fundo, visibilidade e invisibilidade, etc.”

Mais recentemente, Hicks desenvolveu várias instalações criadas especificamente para os jardins do Chateau de Versailles; para um castelo do século 13 na Bélgica por ocasião do Festival de Horst; para o Musée Carnavalet, em Paris; bem como para o High Line, em Nova York.

vista da instalação *Appren Tissage*
Musée Carnavalet | Paris, 2016
cortesia: Festival d'Automne à Paris





vista da instalação *ApprenTissage*
Musée Carnavalet | Paris, 2016
cortesia: Festival d'Automne à Paris



vista da instalação *ApprenTissage*
Musée Carnavalet | Paris, 2016
cortesia: Festival d'Automne à Paris



vista da instalação
Horst Arts & Music Festival,
Holsbeek, Bélgica, 2018

trabalhos comissionados

Desde o final da década de 1960, Sheila Hicks realiza projetos comissionados para várias instituições e empresas. Nesses casos, ela explora a dimensão arquitetônica de sua prática ao mesmo tempo que estabelece um diálogo com a tradição do têxtil como arte decorativa, observável na técnica milenar da tapeçaria.

Em entrevista à Monique Lévi-Strauss, pesquisadora de técnicas têxteis, a artista explica que ao refletir sobre a relação entre tecelagem e arquitetura, ela observou como “eram interdependentes, complementares e repousavam no conhecimento sobre o material, a construção, a visibilidade, a escala, a textura e a cor”. Ainda segundo ela, “a arquitetura abriga pessoas. As pessoas estão adornadas e vestidas com tecidos. São volumes escultóricos em movimento dentro de espaços definidos”.

No processo de desenvolvimento de projetos tão ambiciosos, Hicks tem colaborado com uma série de arquitetos excepcionais, de Luis Barragán a Tadao Ando, bem como com várias outras agências.

Em um deles, realizado em 1966 e 1967, Hicks criou um trabalho de escala sem precedentes para a sede da Ford Foundation, em Nova York, projetada por Roche. A artista desenhou dois painéis, com 9,80 x 4,07 e 12,23 x 3,04 metros; cada um deles feito de módulos de fios dourados organizados no formato de medalhões. Em uma entrevista sobre o projeto e sua encomenda, ela afirmou: “A tecelagem é uma

linguagem universal, em todas as culturas do mundo, trata-se de um componente crucial e essencial. Assim, se você está começando a trabalhar com a linha, você está a meio caminho de casa. Existe um nível de familiaridade que quebra imediatamente com qualquer preconceito [...] Alguns espaços em que é possível adentrar e dos quais se pode sair, esses espaços foram concebidos para abrigar, de modo que, quando você se senta neles, sente-se acolhido por um período de tempo [...] Eu trabalhei durante muitos meses em motivos diferentes, alguns geométricos, com extremidades rígidas, que não pareciam tão confortáveis quando algo curvo, macio – tínhamos que ser cuidadosos com o que a forma redonda poderia sugerir, para mim, ela denotava algo como uma colmeia e a Ford Foundation, enquanto tal, representava a distribuição da sua riqueza e do mel para extensões humanitárias”. Desde esse trabalho, Hicks continuou usando esse padrão do medalhão em outros projetos, incluindo aquele para a companhia de aviação Boeing e para a loja de varejo Target, entre outras. Cabe notar, ainda, que em 1972, Hicks realizou duas de suas mais espetaculares comissões: uma para a sede da Morgan Guaranty Insurance Company, em Milwaukee, e outra para a sede da IBM, em La Défense, em Paris; além da espetacular e monumental intervenção do Fuji Cultural Center, em Tóquio, Japão.

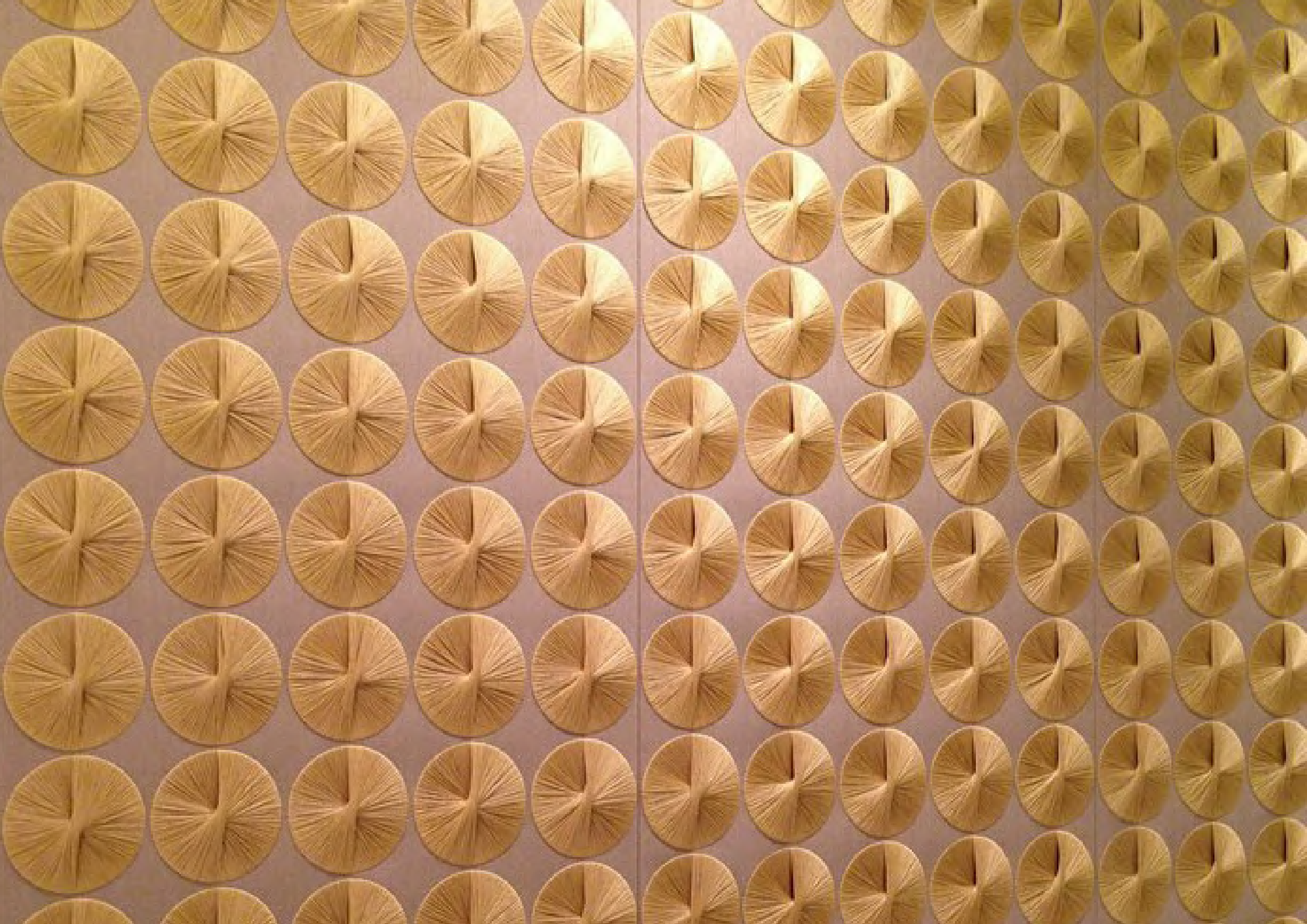


Sheila Hicks, baixo-relevo para o interior do Air France Boeing 747 Aircraft, 1969
Seda selvagem em malha de algodão polido
Museum Abteiberg, Mönchengladbach
exposição *Open Letter*, 2013
foto © Matthieu Lévi-Strauss

→

Sheila Hicks: Begin with Thread, 2014
curta documental
dir. Mackenzie Fegan, 4'56", Ford Foundation
disponível em: <https://www.fordfoundation.org/about/library/multimedia/sheila-hicks-begin-with-thread/>





←

instalação na Ford Foundation, 2014
foto © Kelsey Keith [detalhe]

Medaillons, 2014

algodão, linho e suporte de madeira
100 x 65 x 3 cm
cortesia Sheila Hicks e Galeria Nara Roesler





Sheila Hicks, Paris, 2020
foto © Cristobal Zafartu

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art